



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Centro Internacional de Neurociências e
Reabilitação – Rede Sarah**

Hospital Sarah Kubitschek – Brasília-DF, 17 de dezembro de 2003

Quero cumprimentar o presidente do Senado, nosso querido senador José Sarney,

Cumprimentar todos os senadores aqui presentes, porque hoje, finalmente, foi definitivamente aprovada a reforma tributária que nós tanto sonhávamos, mais a reforma previdenciária,

Quero parabenizar, porque quando os homens públicos do Brasil resolvem trabalhar as coisas acontecem, como aconteceu na Câmara e no Senado. Eu acho que os senadores e deputados brasileiros estão de parabéns.

Quero cumprimentar o ministro Maurício Corrêa, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Quero cumprimentar o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz,

Quero cumprimentar o Humberto Costa, ministro da Saúde,

Os demais ministros do meu governo, que estão aqui,

Quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Meu amigo ministro Sepúlveda Pertence,

O doutor Aloísio Campos da Paz, que não preciso dizer quem é,

A nossa querida companheira, doutora Lúcia,

A doutora Anne-Lise Christensen, que falou em nome dos cientistas convidados,

Cumprimentar os funcionários desta Casa,

Os pacientes, que estão passando por uma experiência extraordinária na sua vida,

E cumprimentar o nosso amigo Leleco – viu, Humberto? – porque



quando entramos aqui, ou em qualquer hospital da Rede Sarah, a gente se depara com alguma coisa diferente da estrutura arquitetônica que, habitualmente, vemos nos hospitais do Brasil.

Eu acho que quem entrar aqui e não vir pacientes, dificilmente vai dizer que está num hospital. Vai pensar que é um clube chique de Brasília, que só os mais chiques podem freqüentar no final de semana.

Eu acho que a grandeza do que acontece na Rede Sarah é exatamente essa: a diferença.

Eu queria dizer uma coisa, antes de ler algumas palavras aqui. No Brasil, normalmente, as pessoas exigem que quase tudo seja nivelado por baixo. Pelo fato de você não poder fazer o melhor, porque custa caro, vamos fazer uma quantidade de piores, porque custa mais barato. E, normalmente, o barato termina ficando caro.

Eu penso que será ideal o dia em que nós pudermos ter um centro de excelência como este e outros que existem no Brasil, para toda a população. Como seria ideal se nós tivéssemos acesso a bons empregos e acesso a boas universidades, para toda a população.

Mas, na medida em que isso não é possível, pelo menos num curto espaço de tempo, é preciso que a gente vá construindo centros de excelência para que possamos, cada vez mais, permitir que pessoas humildes, que pessoas pobres possam ser atendidas por um centro de excelência financiado pelo poder público. Porque, senão, só terão acesso a centros de excelência aqueles que podem pagar um plano de saúde a um preço exorbitante, equivalente, muitas vezes, a uma mensalidade de 20 ou 30 salários mínimos por pessoa.

Eu penso que o poder público, na medida das suas possibilidades, tem que ir fazendo o que pode e o que não pode, fazendo obrigatoriamente, o possível e o impossível.

Eu já tinha vindo aqui, há alguns anos, visitar um amigo sindicalista que



caiu de um cavalo, em Minas Gerais, e ficou paraplégico ou tetraplégico, o companheiro Dazinho, e tive o primeiro contato com a Rede Sarah. E muitas vezes, vejo meus amigos dizerem: “Não, mas é muito caro, porque não pode fazer, porque não-sei-das-quantas, aqui é para pouca gente.” É verdade. Mas tem outras coisas no Brasil que são para pouca gente.

Agora, quando nós investimos numa rede pública que pode prestar um serviço como esse, é verdade que é para pouca gente, mas para pouca gente que pode, inclusive, ser pobre e ser tratada aqui, porque em outros lugares, às vezes, o pobre não consegue entrar.

Então, eu quero dizer que o Brasil tem que ter mais centros de excelência. Não é pelo fato de não podermos oferecer para todo mundo que a gente não pode ir criando os nossos centros de excelência para receber os elogios que recebemos aqui, de uma cientista da Dinamarca e, quem sabe, sermos reconhecidos por outras instituições que cuidam da saúde.

Quem sabe um dia, Leleco, você fará um projeto para uma escola, um projeto para uma casa de cultura para fazer a fábrica de Ribeirão Preto voltar a funcionar. Mas, de qualquer forma, não podemos prescindir das coisas boas que temos no Brasil. O Brasil, se quiser ser um país de auto-estima no nível da nossa consciência, tem que primar pela qualidade. A gente não pode se contentar em ter apenas aquilo que é possível. Temos que brigar pelo melhor, pelo impossível. E somente assim nós iremos conseguir.

Por isso, participar da inauguração de mais uma unidade da Rede Sarah, em Brasília, é um momento de grande satisfação, que nos faz lembrar da importância da pesquisa e da medicina para a qualidade de vida das pessoas. É também uma oportunidade de conhecer de perto uma experiência de gestão pública, de dedicação ao serviço público. E a Rede Sarah é um exemplo para o nosso país, exemplo de persistência e de competência.

Quero parabenizar todos os homens e mulheres que trabalham aqui e tornam este hospital tão especial. São médicos, enfermeiros, trabalhadores da



saúde, educadores e pesquisadores que exercem seu ofício com dedicação, valorizando o ser humano.

Vocês bem sabem que os seus trabalhos influenciam e estimulam diretamente a recuperação e o retorno desses pacientes ao ambiente familiar e ao mercado de trabalho.

Mas a Rede Sarah de Hospitais para Reabilitação, que nasceu aqui em 1980 e que, aos poucos, vai ganhando o país, já inaugura a sua rede em outras capitais do país. E é, sem dúvida, um tratamento médico humanizado, o que torna o Sarah um modelo tão elogiado dentro e fora do Brasil.

Vou contar um pequeno caso. Meu companheiro Célio de Castro, prefeito de Belo Horizonte, possivelmente, um dos melhores clínicos gerais que este país tem, porque são raros os clínicos gerais hoje. O Célio de Castro sofreu um derrame e teve dificuldade de andar e falar. Desde o primeiro dia em que fui visitar o Célio, eu falei: “Célio, eu acho que você deve ir para Brasília se tratar na Rede Sarah.” Ele, talvez por ser uma pessoa politicamente importante, achava que não deveria vir. Ficou muito tempo em casa. Não foi por falta de insistência. Eu tinha certeza de que aqui ele iria avançar. Eu ia visitar o Célio, ele tinha vontade de falar comigo, ele chorava, tentava falar e saía um grito, não saía uma palavra. Ele tentava se mover com dificuldade, ficava emocionado. Eu tinha certeza de que aqui ele melhoraria. Eu acho que ele demorou para vir aqui. Mas já ouvi notícias, antes de chegar aqui, depois ouvi de vocês que ele já melhorou muito. Então, eu acho que é um fato que merece elogios.

Por isso, é preciso aproveitar este momento e fazer uma homenagem ao doutor Aloísio Campos da Paz e à sua equipe de trabalho. Porque não é só o dinheiro que produz os resultados que vocês estão colhendo. Se não houver o projeto na cabeça e no coração as coisas não acontecem. Porque se fosse só o dinheiro, nós não teríamos muitos dos problemas que temos no mundo. Foi o doutor Campos da Paz quem orientou, desde o início, a administração deste



hospital, pelo princípio de que o paciente deve ser visto como um indivíduo completo e não apenas pelas suas doenças. E que a reabilitação deve buscar o aumento da independência desse paciente, a melhora da qualidade de vida, a integração familiar e o convívio social, além do combate ao preconceito.

Quem não tem nenhum problema, muitas vezes, não sabe o que estou falando. O preconceito contra quem tem um problema qualquer, num certo membro qualquer, se não houver um tratamento, é muito grande. Eu, quando perdi este dedo aqui, andava no ônibus, durante muito tempo, com a mão no bolso, com vergonha das pessoas perceberem que eu não tinha um dedo. Naquele tempo não tinha o Sarah, nem eu jamais imaginei vir a Brasília, muito menos ser o Presidente da República. Mas o dado concreto é que eu sei como é que essas pessoas se sentem. E o que é gratificante, num hospital como este, é que não se trata apenas o problema do pé ou o problema da mão, trata-se da plenitude do corpo das pessoas e, sobretudo, da cabeça das pessoas.

E eu já estou duplamente gratificado: por vir aqui e ver os pacientes se movimentando e por ter recebido, hoje, os atletas brasileiros portadores de deficiência física que foram disputar o Parapanamericano. E, só de ouro, cento e poucos atletas ganharam 81 medalhas. Nós tínhamos muito menos atletas do que o México e ficamos em segundo lugar. Se tivéssemos o mesmo número teríamos conquistado muito mais medalhas de ouro. E foi interessante, porque abracei um jovem que estava lá, chamado Clodoaldo, que tinha um problema de deficiência mental e ganhou quatro medalhas de ouro.

Então, o tratamento médico não é apenas curar a dor. É abrir a mente e o coração das pessoas para o fato de que a vida vale a pena ser vivida, independente de qualquer seqüela que a gente possa ter. Ela será maior se for a seqüela do preconceito ou da ignorância de tratar os nossos problemas. E o Sarah, indubitavelmente, ensina as pessoas a tratarem do preconceito e dizer: “Nós somos cidadãos. Andando ou não andando, em pé ou de cadeira de rodas, eu sou cidadão, posso contribuir para o meu país, posso trabalhar,



posso ser gente de bem”, porque ninguém quer ficar em casa como se fosse um estorvo para a família. As pessoas querem se sentir úteis e eu acho que aqui as pessoas acontecem porque descobrem que são úteis, apesar dos pesares.

Nós sabemos que não basta ter aparelhos com tecnologia de ponta ou equipamentos mais caros, se o paciente não receber atenção, cuidados especializados e se o médico não estiver satisfeito com o seu trabalho. Todo mundo sabe que a razão básica do bom tratamento é o compromisso que o médico tem com o paciente ou com as causas do paciente. Se os médicos brasileiros continuarem, ao longo de suas vidas, tendo que ter seis ou sete empregos para poder sobreviver, pulando de emprego para emprego, cinco ou seis vezes por dia... e o ministro da Saúde é médico, o ministro do Esporte é médico... nós precisamos caminhar para atingir uma outra qualidade, para que se possa melhorar não apenas a qualidade do trabalho, mas a qualidade do salário dos profissionais, porque quanto mais o médico estiver próximo do paciente, mais ele pode contribuir com esse paciente.

Oferecer um atendimento de saúde eficaz, gratuito e de qualidade é, sem dúvida, um dos desafios que impulsionam o nosso governo. O nosso objetivo é ter uma política de saúde que seja motivo de orgulho para todos os brasileiros. Por isso, durante este ano, trabalhamos muito para apresentar novos programas e, ao mesmo tempo, ampliar e melhorar a assistência prestada à nossa população.

Eu disse para o Humberto Costa, antes de ele ser ministro: “Humberto, nós não precisamos construir nenhum novo hospital. Antes, temos que fazer funcionar bem todos os que existem, porque num hospital não adianta criar a estrutura, se você não tiver os profissionais bem formados e não tiver os instrumentos para que o hospital possa funcionar.” O Brasil está cheio de hospitais construídos, inaugurados, com as placas descerradas e, há anos, não podem funcionar porque não teve dinheiro nem para contratar os profissionais,



nem para equipar o hospital. Então, nós temos que fazer funcionar todos os que existem, com muita qualidade.

A inauguração deste Centro Internacional de Pesquisa em Neurociência é, também, fruto de um papel de destaque que a Rede Sarah ocupa no cenário internacional, que hoje se traduz em convênios e parcerias firmados com mais de trinta países.

Os hospitais da Rede têm prestígio junto à comunidade científica internacional e são excelência em pesquisas, atendimento e uso de tecnologias, o que reforça ainda mais o potencial que o nosso país tem de produzir conhecimento próprio, a partir de um qualificado sistema de pesquisadores, universidades, agências de fomento e laboratórios.

Nossos esforços estão voltados para que um número cada vez maior de homens e mulheres, idosos e crianças, tenha acesso a serviços com a qualidade e a eficiência de atendimento que são oferecidos na Rede Sarah e em tantos outros hospitais brasileiros.

Estamos certos de que o fortalecimento do serviço público e a universalização dos direitos contribuem para a construção de um Estado mais solidário e de uma sociedade mais justa.

Portanto, meus companheiros e companheiras, meus parabéns pela inauguração deste centro de excelência da saúde brasileira.

Um grande abraço!

/mcpro/lrj/vpm